

**SABERES NO TRABALHO ENTRE EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS:  
REFLEXÕES INICIAIS**

*Knowledge at work between experiences and memories:  
initial reflections*

CUNHA, Charles Moreira<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo interroga o quanto podemos compreender as memórias como experiência que podem se atualizar nos saberes do trabalho. Autores como Maurice Halbwachs (1974, 1994, 2004), Walter Benjamin (1994, 2006), Michael Pollak (1989), Yves Schwartz e Louis Durrive (2007), Paolo Jedlowski (1987, 2003), Jacques Duraffourg (1997), Carlos Rodrigues Brandão (1998) e Ecléa Bosi (1994, 2003) são confrontados em permanência às histórias que narram trabalhadores em nossos encontros de pesquisa, ensino e extensão. Nesse confronto, podemos compreender como memórias individuais e coletivas são coconstruídas e permanecem imbricadas e, sabendo que se nem toda memória pode ser objeto de narrativas, podemos vislumbrar como ela reverbera na forma de saberes nos atos de trabalho.

**Palavras-chave:** Memória; Experiência; Saberes no trabalho.

**ABSTRACT**

This article aims at questioning to what extent we can understand memories as experiences that can be updated in knowledge acquired from work experience. Authors such as Maurice Halbwachs (1974; 1994; 2004), Walter Benjamin (1994; 2006), Michel Pollak (1987; 1994; 1990), Yves Schwartz (2007), Paolo Jedlowski (1987; 1990), Jacques Duraffourg (1997), Carlos Rodrigues Brandão (1998) and Ecléa Bosi (1994-2003) are confronted with the stories narrated by workers during meetings that concerned researching, teaching and extension universitaire. Along this confrontation, we can better understand how individual and collective memories are co-constructed and overlapped. Also, knowing that if not every memory can be transformed into narrative, we can catch a glimpse on how they reverberate in the form of knowledge during work acts.

**Keywords:** Memory; Experience; Knowledge at work.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Educação, ambos pela FaE/UFMG, Graduado em Geografia pela Puc-MG. Professor Adjunto da FaE/UFMG. E-mail: <charlesmcunha@gmail.com>.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, buscamos dialogar com autores que refletiram sobre memórias e experiência buscando neles elementos para compreender a relação com o trabalho - objeto multidimensional e transdisciplinar. Nossos encontros de pesquisa, ensino e extensão com trabalhadores mineiros, docentes, eletricitários, entre outros, têm nos convocado a interrogar sobre e de que modo eles mobilizam saberes no trabalho.

Já sabemos que o trabalho é atividade que carrega consigo ingredientes das diversas outras práticas humanas (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Esses ingredientes são memórias de experiências passadas e vividas alhures cristalizadas num patrimônio vivo. O ato de trabalhar, no que é requerido em situação, movimenta tal patrimônio. Mas tal mobilização, muitas vezes, requer uma construção por parte do trabalhador para combinar o que traz em si, no seu corpo, como qualidades que o capacitam para agir no trabalho, bem como em outras situações nas quais se encontra imerso.

Autores como Maurice Halbwachs (1974, 1994, 2004), Walter Benjamin (1994, 2006), Michael Pollak (1989), Paolo Jedlowski (1987, 2003), Yves Schwartz e Louis Durrive (2007), Jacques Duraffourg (1997), Carlos Rodrigues Brandão (1998) e Ecléa Bosi (1994, 2003) nos ensinam a olhar as memórias do trabalho como um patrimônio de cada trabalhador, complexo e inacabado, perpassando o presente, feito de experiências e saberes que perduram, transmutam, transformam e reverberam nas mais diversas situações de trabalho nas quais os encontramos. As memórias não são apenas aquilo que se pode narrar, no entanto, no bojo deste artigo, nos restringiremos às mesmas.

Inicialmente refletimos sobre processos e mecanismos de construção das memórias numa articulação indivíduo-social. Prossequimos colocando em diálogo memória e experiências, olhando e escutando vozes do passado ressoando no presente, mas, sobretudo, mirando a partir das mesmas, saberes vivos guardados e fazendo-se memória em surdina no cotidiano. Ao longo do texto, trazemos memórias de trabalhadores que narram suas experiências em nossos encontros de pesquisa, ensino e extensão.

### **1. O TRABALHO VIVO NA MEMÓRIA**

Com a ergonomia da atividade, que deseja compreender o homem em ação no trabalho, podemos perscrutar certa articulação memória-experiência-saber, no aqui e no agora do trabalho. Essa disciplina nos indica três diferentes modalidades de memória. A primeira é aquela cuja experiência e retenção se fazem presentes rapidamente pelos sentidos, permitindo processamento rápido pelo cérebro. Outro tipo é aquela memória que possibilita guardar voluntariamente informações num curto prazo. Apesar de serem conservadas por um momento, nossa capacidade de armazenar memórias desse tipo é menor, sendo as mesmas filtradas, transformadas e, por vezes, apagadas. Nossa capacidade de guardar memórias de longo prazo, um terceiro tipo, é ilimitada, esta memória não se limita a informações verbalizáveis e/ou visuais, pode ser relacionada aos demais sentidos do corpo humano, mas também é relativa a esquemas mais gerais de ação, informações em níveis diversos, ideias, etc. Tais memórias nem sempre se

apresentam facilmente, requerendo estímulo para serem mobilizadas (cf. GUÉRIN, 2001, p.57).

Maurice Halbwachs auxilia a discernir a presença das memórias no cotidiano de nossas ações, quando analisa os quadros sociais que se constituem e perenizam-se através de um conjunto de ordenamentos feitos de ideias, valores, saberes e experiências formadoras das memórias dos homens. O trabalho também pode ser visto como um quadro social de memórias. A memória representa um patrimônio vivido que dialoga com o presente experimentado por cada trabalhador em qualquer situação na qual se encontra.

Na esteira do autor, consideramos dois tipos de memórias. Um primeiro tipo refere-se àquelas que são evocadas de maneira fácil, consideradas comuns ao nosso dia a dia, do que nos é familiar, do que é de nosso grupo mais próximo. Referem-se a ideias que representamos, compostas de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos e estão mais disponíveis para serem evocadas, pois são relacionadas aos fatos da vida quotidiana e a nosso entorno. Elas podem ser mais ou menos presentes se permanecem nos agrupamentos aos quais pertencemos ou nos ambientes que frequentamos.

Um segundo tipo são as memórias difíceis de evocar, pois, segundo o autor, estas não pertencem aos outros, mas a cada sujeito particular, restringindo-se a uma experiência que outros não podem conhecer.

Porém, ainda assim, há algo no funcionamento das memórias que escapa a esta simples classificação entre fáceis e difíceis de serem lembradas. Elas parecem emergir no presente conforme dialogam entre as experiências vividas, perpassadas de saberes e afetividades, não sendo possível relacioná-las estritamente ao primeiro e segundo tipo de memória tratadas pelo autor. Isso nos permitiria perguntar se não haveria aqui um ponto de interseção entre Maurice Halbwachs (2004), ao nos conduzir a entender a memória como constituída pelas dimensões sociais, históricas e culturais, e Henry Bergson (1959). O primeiro traz para fora do homem, para fora do corpo, o campo de trama e constituição das lembranças de cada homem. Já o segundo trata a memória como pertencente e resultante de um conjunto de operações internas ao corpo, fora da relação com o social. Não seria na articulação de todos esses planos indicados pelos autores acima que poderíamos discernir minimamente de que se trata a memória? Individual e coletiva, processada pelas experiências corporais na relação com o meio (natural e sociocultural), e tendo níveis diversos: sensorial, de curto e longo prazo. Tendo como suporte essa tessitura teórica, escutamos e refletimos sobre o narrado pelos trabalhadores sobre seus trabalhos.

### **1.1. Saberes são memórias enraizadas na experiência**

As memórias estão enraizadas em experiências. Estas, vividas no encontro com as formas e a cultura do trabalho, bem como nos encontros diários entre antigos trabalhadores e colegas de ofício. Escutar narrativas permitiu-nos tocar tais prolongamentos das histórias dos homens produtores.

Eu lembro que fui fazer um teste de caldeireiro uma vez. Já era caldeireiro e fui arrumar um emprego em uma metalúrgica. Fui fazer o teste teórico e o teste prático.

Aí, na hora que entrei na sala do chefe para fazer a entrevista, ele me perguntou: “Quantos graus tem a abertura de um compasso?” São coisas que os colegas ensinam, ou seja, que você apreende no ambiente de trabalho. Respondi para ele: “São 60 graus”, ou seja, tive que responder na lata, pois isto é um macete profissional, coisa que você aprende com o colega [...]. Aí o chefe deu risada, fingiu que não tinha me perguntado nada. Mas ele fez essa perguntinha para saber se eu tinha o conhecimento prático. Os nomes das ferramentas, isso que o mineiro está falando, tem nomes de ferramentas diversas, tem coisas que nós nem imaginamos, tem coisas que mudam de nome. Estar em uma metalúrgica é diferente de estar em uma mineração. Por exemplo, os nomes e os tipos de ferramentas e máquinas mudam. Não em termos técnicos. Tecnicamente continua a mesma coisa, mas o que muda é o nome conforme o tipo de serviço, a produção. O compasso não tem a mesma forma, tem o compasso simétrico, o compasso de vareta, há diferentes chaves, então, muda conforme a cultura local, ou seja, conforme a cultura que você desenvolve no ambiente de trabalho (Vicente – trabalhador do setor mineral – *apud* CUNHA, 2007, p.112).

Em diálogo com Halbwachs (2004, p.72), entendemos serem os quadros coletivos da memória, formados por correntes de pensamentos e experiências do passado. É do autor a compreensão de que a história não se restringe ao passado ou ao que dele nos resta, como parte amputada do presente. Ele nos diz existir uma história viva que não se entrega e que luta pela perenidade, enraíza-se e renova-se pelas experiências cotidianas. Elas estão presentes em correntes antigas ligadas ao nosso presente, é apenas em aparência que desapareceram.

Halbwachs (1994, p.VIII) nos alerta para uma escuta cuidadosa das lembranças, pois a memória pode variar segundo o grupo e as condições sociais e políticas em que se está envolvida, no entanto, a nosso entender, não significa dizer que haja um falseamento do vivido a ser narrado, mas sim uma maneira complexa de contar e produzir a experiência do presente que dialoga com o passado.

Assim, podemos observar como memória, experiências e saberes estão imbricados. Um originando e sustentando o outro, guardando uma relação de interdependência. Maurice Halbwachs e Walter Benjamin, contemporâneos na primeira metade do século XX, são nossos interlocutores para pensar o lugar das memórias na vida cotidiana do período.

A virada do século XIX para o XX é marcada por acontecimentos que não deixam de produzir marcas determinantes sobre a vida em sua generalidade,

Porque nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizada que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1994, p.115).

É uma citação de *Experiência e pobreza*, texto no qual o autor busca elucidar o impacto das condições político-histórico-econômicas e culturais sobre o vivido em sociedades ocidentais desse período.

Ao analisar a vida moderna, Benjamin observa uma alteração brusca nas condições sociais que, noutros tempos, permitia-nos conhecer e aprender o mundo, sobretudo por meio de narrativas de experiências entre gerações. Mas, para além de uma afirmação quanto ao empobrecimento da experiência, encontramos nas reflexões do autor um convite para aguçar

nosso olhar para a vitalidade de antigas, sutis e potentes experiências entrelaçadas ou enraizadas nos cotidianos dos homens.

Seguindo esse convite, podemos compreender como as experiências que encontramos quando escutamos narrativas dos trabalhadores se assemelham aos traços finos e sensíveis das mãos do oleiro sobre o barro em que trabalha. Nesse ponto é importante ressaltar que questionamos as teses de que o homem se forma, sente e conhece indiferente do mundo que o cerca, o enxergamos como ser que se forma, que sente, conhece e se reconhece, a partir de suas relações sociais passadas e presentes, sendo estas interligadas e instituidoras de futuro, sendo que os ingredientes formativos das experiências humanas advêm do mundo social construído pelas ações dos próprios homens.

O mundo exterior existe em integração permanente a um mundo sensível, que podemos chamar de particular, individual. Desta relação entre exterioridade e interioridade, Halbwachs (1974, p.164) conclui que

los sentimientos y las pasiones parecen exigir una elaboración más personal y más prolongada que las emociones [...]. Así pues, estos estados afectivos se hallan inmersos en corrientes de pensamiento que llegan a nuestro espíritu desde fuera, que se encuentran en nosotros porque están en los demás.

Em cada narrativa de trabalho, encontramos juízos e correntes de pensamentos ligando narrador à sociedade da qual fez e ainda faz parte. A afetividade está nesta trama entre o sujeito que fala e os grupos com os quais ainda compartilha a vida.

Ao nos defrontarmos com as lembranças narradas pelos trabalhadores, somos impelidos a concordar com Halbwachs (2004, p.74), quando afirma que “o passado deixou muitos traços, [...] na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos”. E, no trabalho, com os trabalhadores não é diferente, tal como no depoimento do trabalhador do setor mineral Dazinho:

Entrei, quase morri de medo, na primeira vez que desci ao poço que tinha mais ou menos 700 metros de profundidade, você gasta uns quarenta segundos para descer. Então foi um susto terrível, mas se consegue aguentar a primeira semana, sobrevive ao resto... A primeira semana foi dureza, nossa senhora! Um calor de 45 a 60 graus, água quente, bebe-se 20 a 30 litros em 6 a 8 horas, e você bebendo pela garganta e saindo pelos poros. A gente saía de lá todo molhado... apesar de sair de lá de calção e camiseta. Tínhamos a sensação de ter escapado da morte (LE VEN, 1998, p.60).

O trabalho do mineiro, as condições de sobrevivência, expostas nesta breve narrativa, existem de longa data, revelam-nos os meandros dramáticos pelos quais muitos outros trabalhadores vêm, a cada dia, criando e se fazendo homem de memórias, muitas delas subterrâneas, enterradas, enraizadas, férteis e também reveladoras de experiências e saberes. Por onde o homem anda e trabalha, criam-se rastros a narrar. Os costumes, as experiências e os saberes modernos, nos alerta ainda Halbwachs (1974, 2004), repousam sobre ilhas do passado, preservadas e, porque não dizer, reconvocadas nas experiências presentes.

## **1.2. Memória pessoal e social: interdependências**

As memórias narradas por Dazinho revelam o quanto a memória pessoal e a memória social são interligadas. A memória pessoal se apoia na memória social. Sendo a segunda mais ampla, pois nossa história faz parte de uma história mais geral. A memória pessoal, por outro lado, não se apresenta como um esquema ou um simples desdobramento da memória social. Ela é mais detalhada, contínua e mais densa.

Vimos que muitos dos trabalhadores que estiveram envolvidos em nossas pesquisas, cursos e projetos de extensão evocavam memórias relacionadas às suas condições de vida, numa espacialidade e temporalidade sociocultural, econômica e política. As lembranças reveladas trazem em si tais dimensões e mostram percursos tortuosos pelos quais se formaram e constituíram ideias do trabalho a serem refutadas ou preservadas pela vida profissional. Encontramos lembranças que conduzem, em certos momentos, os trabalhadores recordadores a refletirem sobre experiências e saberes atrelados às condições de trabalho e às relações com antigos colegas de profissão.

Halbwachs observa na articulação palavras, ideias e memória, interfaces pelas quais nos integramos socialmente e passamos a aprender o mundo do qual fazemos parte,

O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros (HALBWACHS, 2004, p.58).

As lembranças evocam vividos compartilhados por homens e mulheres contemporâneos, mesmo que pertencentes a diferentes gerações. Uma memória individual não é uma memória solitária do mundo humano.

A memória coletiva é também uma construção social de grupos distintos. As lembranças “[...] permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais apenas nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 2004, p.30). São considerações que nos fazem pensar em como estamos juntos às demais pessoas, e que nossas memórias do vivido não são constituídas por conteúdos desprovidos de participação em uma coletividade.

O autor reforça essa dimensão coletiva da memória e seus mecanismos sociais de perpetuação entre gerações,

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstituída (HALBWACHS, 2004, p.38).

Os caminhos pelos quais as memórias evidenciam-se guardam estreita relação com a condição social dos agrupamentos humanos, como, por exemplo, as memórias que trabalhadores de certo setor ou ramo de produção levam consigo, tais como as lembranças de Dazinho no trecho acima. Sabemos que, mesmo que os grupos de trabalho se desfaçam, algo de suas memórias se mantém no exercício da profissão de outros coletivos que

venham a ser formados. O que nos permite entrever que lembranças enraízam-se no exercício das profissões e metamorfoseiam-se em alguns casos e, mesmo que parcialmente, acompanham cada trabalhador diante das mais variadas convocações do trabalho real.

Concordam com tais assertivas, as memórias da professora Rosa:

Nessa sala tinha leitura. Sexta-feira era dia de leitura. História que você tinha que ler na sala. Era dia de história, sexta-feira. Então você tinha que ler a história em casa e ela cobrava a leitura correta, pontuação. "Ai, não gagueje não, pelo amor de Deus, não repete parágrafo!" Ô meu Deus! Muito brava. E as aulas dela eram de muita produção. De texto. Segunda-feira você tinha que colocar alguma coisa para funcionar, sabe? E assim eu guardo muito dessa dona Palmira. A força com que ela dedicava em sala de aula. O controle, tinha aquele tablado, ela era baixinha. Ela ia "na" carteira, pegava a borracha e apagava, escreve de novo, está muito mal escrito. Ela era um carrasco, entendeu? (Prof.<sup>a</sup> Rosa - CUNHA, 2010).

Em diálogo com Halbwachs (2004), Ecléa Bosi nos auxilia a compreender como experiências se fazem memória, quando elucida a natureza das lembranças que se constituem nas suas relações sociais. Segundo a autora, "a memória se enraíza no concreto, no espaço, nos gestos, imagens e objetos" (BOSI, 2003, p.16). As lembranças dos trabalhadores trazem todos esses ingredientes, o que nos ajuda a entender as experiências e as relações em seus locais de trabalho. Cada trabalhador então carrega consigo o vivido, compartilhado e nos relata. Em cada lugar, o trabalho se organiza entrelaçando experiências, memórias e saberes laborais ou não. Podemos dizer que os espaços laborais não são neutros como tabula rasa, e muito menos vazios de memórias, experiências e saberes. Os espaços carregam marcas do vivido, pois neles reverberaram os fazeres e os saberes de outrora e é através dele, assim disposto, que se articulam objetos e trabalhadores nas situações do presente.

Lembrar das experiências permite-nos encontrar com os processos de enraizamento do homem. Ele nos diz por onde andou, de suas relações, seus dilemas e conflitos que, em nosso entender, sustentam cada trabalhador, são como prolongamentos que partem do presente, do ser trabalhador com raízes entrelaçadas de experiências antigas, bem como feitas de relações com as normas e punições, espaços e tempos, feitos pelos encontros e desencontros de cada um e das coletividades.

Pra te falar a verdade eu não me lembro da Ofélia dando aula, não me lembro da Ofélia fazendo nada. A Ofélia, ela era muito de ficar no quadro lá, uma relação muito distante do aluno, sabe? [...] Lembro da Dorinha, era uma relação mais próxima, ela dava aula lá, essa aula mais tradicional, ela usava muito livro, mas ela era mais próxima com a gente. Essa Marina, essa Rosemeire, aquela eu lembro dela usando muito o quadro. Numa aula diferenciada, nunca. Nenhuma delas, nunca. A única aula diferenciada que eu lembro assim, tipo oficina, era quando vinham aqueles papéis do Sete de Setembro. Porque vinham, o Estado mandava umas folhas verdes e amarelas, uns materiais pra gente fazer cata-vento e sair correndo no quarteirão afora: "Esse é um país que vai pra frente!" (Prof. Laerte - CUNHA, 2010).

Como podemos verificar, há uma dupla face entre memória coletiva e individual que não se desfaz, há complementaridade, há interdependência entre ambas. Ao investigarmos as lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras, um mosaico se compõe no presente. Os trabalhadores são viventes do recordado e, sobretudo, herdeiros de relações entre grupos de experiências que perduram, de certa forma, na sociedade.

## 2. O FIO DA MEMÓRIA NOS ENLACES ENTRE TEMPO E ESPAÇO

Na trama entre memória individual e coletiva, encontramos enlaçados tempo e espaço. O homem participa de grupos distintos na sociedade e esta participação ocorre em múltiplos tempos e espaços, sejam do trabalho, da religião, da família, de uma viagem, entre outros. Halbwachs (2004, p.120-121) considera que “há tantos calendários quantas sociedades diferentes, já que as divisões do tempo se expressam tanto em termos religiosos, tanto em termos de negócios. Um grupo não poderia se servir do calendário do outro”. Essa distinção temporal e espacial acontece mesmo estando cada grupo diante de fenômenos astronômicos comuns.

Entendemos que as experiências do vivido marcam esses indivíduos e os acompanham individualmente ou em grupos. Consideramos que são memórias de uma vivência espaço-temporal que se apresenta e constitui nosso cotidiano.

O autor considera ainda que sociedades religiosas, políticas, econômicas, familiares, grupos de amigos, entre outros tipos de relações sociais, todas mobilizam o tempo com as suas especificidades. Elas impõem aos membros dos grupos uma ideia de que há certa estabilidade e que nada de fundamental ali se modificou por período mais ou menos longo: “O tempo não escoou: ele dura, subsiste, é necessário, do contrário, como a memória poderia percorrer todo o tempo?” (HALBWACHS, 2004, p.134).

Dentro dessa construção temporal, encontramos um conjunto de experiências que formaram memórias que marcam o exercício do trabalho. Cada sujeito tem consigo, conscientemente, condições de reportar-se a suas experiências individuais e coletivas. Nossa *memória biográfica* limita-se ao que se viveu e que foi significativo para nós individualmente. Mas essas lembranças também se ancoram em trocas e encontros de memórias coletivas presentes nos grupos dos quais participamos. Vejamos o que nos diz Halbwachs (2004, p.126):

Que o tempo possa permanecer de algum modo imóvel por um período bastante longo, isso advém de que ele serve de quadro comum para o pensamento de um grupo, que em si mesmo, durante esse período, não muda de natureza, conserva quase a mesma estrutura, e volta a um tempo desse gênero, aprofundar-se nele, nele explorar as diversas partes de um movimento contínuo, sem esbarrar em obstáculo nenhum ou barreira que o impeça de ver além, ele se move num meio onde todos os acontecimentos se concatenam.

A citação nos leva a pensar sobre um processo de sedimentação de experiências que perduram no exercício do trabalho, considerando-as como trabalho humano, individual e coletivo. Então podemos investigar o trabalho como tendo uma natureza em que as experiências sedimentadas tornam-se memórias que, de alguma forma, tecem o presente, sustentando-o e, sobretudo, transformando-o.

Assim, nesse sentido, Halbwachs (2004) nos esclarece que o tempo pode permanecer de algum modo imóvel por um período bastante longo, isso advém de que ele serve de quadro comum para o pensamento de um grupo, que em si mesmo, durante esse período, não muda de natureza, conserva quase a mesma estrutura e volta sua atenção aos mesmos objetos.

Mas, se a memória atravessa o tempo, como ela se altera? Por que e quais caminhos desaparecem? Podemos pensar que há um embate permanente entre as memórias que nos constituíram de certa forma e as condições sociais, culturais e econômicas que se alteram na vida presente.

### 2.1. Memórias e espaços vividos

A análise de Halbwachs contém, ainda, uma discussão sobre as relações homem, espaço e seus objetos, que nos interessa na investigação sobre o exercício do trabalho e suas memórias. Pois é sobre o espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve fixar, para que reapareça esta ou aquela lembrança.

Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro. Se vivemos sós, a região do espaço que nos cerca de modo permanente e suas diversas partes não refletem somente aquilo que nos distingue de todas as outras. [...] Entretanto, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e *bibelots* circulam no interior do grupo, nele são objetos de apreciações, de comparações, descortinam a cada instante horizontes sobre as novas direções da moda e do gosto, nos lembram também os costumes e distinções sociais antigas. [...] mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de certa quantidade de grupos (HALBWACHS, 2004, p.138).

Entendemos que aquilo que os trabalhadores e trabalhadoras evocam sobre suas experiências espaciais mostram um conjunto de relações entre materialidades que fazem parte da vida espacial e temporal, sobretudo das relações entre trabalhadores em que o espaço físico constitui-se em espaço socialmente constituído de experiências, memórias e saberes. Esse conjunto de lembranças, que são também exemplos de experiências que ficaram sedimentadas, é posto à mostra por cada trabalhador e trabalhadora recordador/a.

Assim, buscamos entender como a vida desses profissionais se faz por meio de um diálogo com as experiências que ainda estão vivas na memória, impregnadas. Memórias mais ou menos evidentes no espaço, seja marca física, seja afetiva, seja de diferentes naturezas que coadunam e formam identidades de experiências, memórias e saberes entre trabalhadores.

As lembranças trazem esses objetos comuns e individuais, sejam máquinas, ferramentas, instrumentos de medição, manuais e regulações técnicas, uniformes, entre outros, que nos remetem ao que podemos denominar de culturas do trabalho. Evidenciam uma maneira de ser comum a muitos homens. Auscultar com as lembranças de trabalhadores é vislumbrar as entranhas das relações sociais internas e externas que perpassam, perduram e sustentam a vida e a práxis.

Halbwachs afirma que cada aspecto e cada detalhe do lugar do trabalho guardam sentidos inteligíveis “apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos de

aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade” (2004, p.139), são esses elementos que tornam as relações entre homens e espaços, em muitos casos, estáveis.

Das espacialidades presentes nas recordações, o que perdura é o que torna trabalhadores homens de memórias, enraizados espacialmente e socialmente. Vejamos o que nos diz mais uma vez Halbwachs (2004, p.140-144):

Os diversos quarteirões, no interior de uma cidade, e as casas, no interior de um quarteirão, têm um lugar fixo e estão também ligadas ao solo, como as árvores e os rochedos, uma colina ou planalto. Disso decorre que o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto o aspecto das ruas e dos edifícios permanece idêntico, e que há poucas formações sociais ao mesmo tempo estáveis e ainda seguras de permanecer. [...] É por isso que o efeito da agitação, que abala a sociedade sem alterar a fisionomia da cidade, atenua-se quando passamos àquelas categorias do povo que se apegam mais às pedras do que aos homens: por exemplo, o sapateiro em sua oficina, o artesão em seu ateliê, o comerciante em sua loja, no local do mercado onde o encontramos costumeiramente, o transeunte nas ruas que percorre, nas estações de trem onde passeia, nos terraços dos jardins, as crianças num canto da praça onde brincam, o velho no muro exposto ao sol, no banco de pedra, o mendigo na borda da calçada, junto à qual está acocorado. Assim, não somente casas e muralhas persistem através dos séculos, mas toda a parte do grupo que está, sem cessar, em contato com elas, e que confunde sua vida e as dessas coisas, permanece impassível, porque não se interessa a não ser por aquilo que se passa na realidade, fora de seu círculo mais próximo e além de seu horizonte mais imediato. O grupo então se apercebe, que uma parte de si mesmo permanece indiferente às suas paixões, às suas esperanças, aos seus pânicos: e é essa passividade dos homens que reforça a impressão que resulta das coisas. [...] É porque nós e aqueles que nos são mais chegados representamos somente algumas unidades dentro desta multiplicidade. Os grupos imitam a passividade da matéria inerte. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado aos seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores.

As considerações do autor apontam para um conjunto de tramas humanas nas quais a sociedade se pereniza. Essas tramas podem representar ações nos espaços, constituindo e mantendo instituições, como as indústrias, as fábricas, os comércios, a escola, a saúde, as forças armadas, governos, entre outras. Mas também podem se constituir por meio da preservação de valores do trabalho, da saúde, da moral, da educação, entre outros, presentes na vida. Assim, quando investigamos memórias, podemos dizer que investigamos aspectos das relações sociais, históricas e espaciais de um passado presente.

Nossas análises privilegiaram as lembranças referentes às relações que existiram entre trabalhadores de diferentes setores produtivos. Pensamos ser este o aspecto que nos permitiria encontrar as processualidades, ressonâncias e impregnações do passado sobre as identidades daqueles que hoje são trabalhadores e trabalhadoras. O espaço foi palco e ator da trama que constituiu e que ainda hoje, marcados de experiências, ressoam e reverberam sobre o trabalho.

## **2.2. O “salto do tigre”, ou da arte de contar histórias**

A mesma tensão entre interesses diferentes que engendra a história segundo classes e grupos sociais atravessa o território do que seja reconhecido socialmente como memória de um povo. Em Halbwachs (2004), encontramos

a ideia de uma disputa de interesses entre grupos sociais contrapostos. Nisto ele se aproxima de Benjamin (1994), quando este nos incita a ler a história “a contrapelo”. É nesse ponto que, concordando com Paolo Jedlowski (1987, p.28), esses dois autores podem ser associados.

É da noção de experiência do “tempo de agora” (*Jetztzeit*) que Benjamin construiu seus escritos da experiência vivida (“*Erlebnis*”)¹ – experiência única, individual, podendo ser traduzida por vivência.

O historiador marxista, na sociedade capitalista, problematiza a noção de experiências vividas, próprias do indivíduo solitário, buscando a construção de memórias e palavras comuns socialmente, malgrado a degradação e o esfacelamento da vida social (BENJAMIN, 1994, p.9). Para ele, esta última, a *Erlebnis*, seria diferente de *Erfahrung* – experiência coletiva ligada à prática de todos os homens, ou seja, experiência com o passado como tempo de genealogias, de germes de outra história que não a burguesa ou progressista.

Aquele que narra passa a tratar a experiência de gerações precedentes como sua e compartilha com quem ouve o narrado. A tese benjaminiana se constitui em torno da memória e da experiência, numa trama em que a memória abriga-se nas relações entre indivíduos, que se traduzem ora em história privada, tal como ela é construída no romance, ora em condição estruturadora das relações sociais, de que podemos afirmar haver um passado submerso no presente.

Escrever as memórias é trazer, de um aparente subterrâneo, a história dos vencidos que não consta nos livros da história oficial. Assim, estabilizamos a teoria da memória e da experiência de Benjamin, no sentido do termo *Erfahrung*. Aqui, mais uma vez, Benjamin (1994) e Halbwachs (2004) se encontram, ao trazerem à reflexão experiências e memórias como dimensões fortes, formadoras e transformadoras da vida moderna.

É nesse tempo, da vida em sociedades modernas, que Benjamin analisa a vida urbana e suas experiências como ponto nevrálgico para entender uma nova conformação da vida particular e coletiva, como das ações políticas da urbanização e dos impactos para toda a sociedade com a constituição dos poderes dos governos com as grandes guerras do século XX.

Assim, Benjamin lê os séculos em que a sociedade europeia tornara-se, a cada passo, moderna e vivia a modernidade, transfigurando e reorganizando tempos e espaços do viver urbano, das relações sociais econômicas de comércio, das condições de vida considerando a precarização das condições de moradia, de trabalho, saúde, alimentação, e da forma de governo/administração das cidades.

O autor, em *O Narrador*, nos fala sobre as experiências humanas, “ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 1994, p.204).

---

¹ Cf. também Benjamin (2006, p.1112).

Nossas reflexões nos conduzem a indagar como o trabalhador se impregnou e se formou por meio das tramas do processo sócio-histórico-espacial.

### 2.3. A narrativa dos trançados em memória

Em nossos encontros com trabalhadores, estes nos conduzem do presente rumo ao passado, por meio de suas evocações, e nos convidam a compartilhar, através de suas histórias, de um conjunto de relações sociais de trabalho vivenciadas. Nas histórias narradas aqui e agora, somos tocados por palavras cheias de experiências. O ato de narrar evidencia memória viva, desejosa de ser escutada, como nos diz Benjamin (1994) sobre o encontro marcado entre gerações, que é permeado por vozes que foram sopradas em tempos pretéritos.

A conclusão a que chega o autor, a nosso ver, dialoga com as considerações de Halbwachs (1974, 2004), quando os mesmos nos alertam para o fato de que estão ao nosso lado, ilhas do passado, formadas de experiências com poder germinativo, e que podem a cada instante, por meio do “salto do tigre”, revolver suas vidas, sobretudo transformá-las.

Benjamin (1994, p.230) nos alerta que, quando o presente se imobiliza deixando que o passado se veja nele, efetiva-se a revolução. Ela é o “salto dialético [...] sob o céu da história”, é o “salto de tigre em direção ao passado”.

Os narradores distintos em seus percursos existenciais, ora vêm de terras distantes, ora próximas, ambos trazendo consigo os territórios vividos por meio de suas memórias, e destas, nos mostram as disputas sociais marcadas espacial e temporalmente. Os trabalhadores, quando narram suas experiências, conduzem-nos por lugares onde muitos ainda caminham e constroem suas relações sociais e de produção: “sua história, constitutiva de sua experiência, é parcialmente reinvestida em cada um dos seus atos” (DURAFFOURG, 1997, p.133).

Neste ponto, o que Halbwachs e Benjamin nos ensinam sobre memórias e narrativas valoriza os *recitos* dos trabalhadores sobre seu trabalho, na medida em que este último permite reinserir a atividade de trabalho no movimento mesmo da vida:

[...] pois, no quadro muito geral da confrontação entre atores portadores de projetos, submetidos às coerções e acasos que lhes fazem sofrer a vida, podemos inscrever a história real dos homens [...] é um meio de aceder à condição humana (DORTIER *apud* DURAFFOURG, 1997, p.129).

Na companhia dos trabalhadores narradores que entrevistamos e dos teóricos que lemos, vamos compreendendo que há uma inscrição da memória e das experiências pretéritas nos saberes do trabalho estruturando os *recitos* do presente:

[...] nos traços da filosofia de G. Canguilhem, colocar em palavras e trabalhar estes “recitos de vida” conduz a recriar constantemente o conteúdo dos dois registros: aquele do conceito e aquele da vida, entre os quais está em jogo uma dialética característica do ato de fazer (DURAFFOURG, 1997, p.131).

É isso que torna difícil pesquisar trabalho como experiência, como então “recortar” o fazer desse patrimônio vivido que, se não é de todo atualizado no ato, está em permanente diálogo com ele?

#### À GUIA DE CONCLUSÃO

Memórias reverberam nos gestos, nas palavras, nas ideias, nos ideais, nos conflitos, nos tensionamentos, entre outras facetas da vida social. Em cada uma dessas dimensões evocadas, encontram-se lembranças e esperanças de histórias ainda subterrâneas.

Escutar as memórias de trabalhadores em exercício possibilitou-nos saber sobre suas experiências, o que os tocou, os formou, seja por meio das imagens que hoje são externadas de antigos/as trabalhadores/as, de traços e marcas inesquecíveis, descobertas, afetos, desafetos, grupos de amigos e amigas, seus corpos, valores, sentimentos...

Os trabalhadores evocam suas experiências laborais, as quais viveram diariamente por longos anos. São narrativas que partem do presente numa leitura dos processos de construção de si, por suas tramas, onde se expõem a cada passo rumo ao passado, apresentam-nos suas histórias íntimas, individuais e, por outro lado, coletivas. Contam-nos sobre suas vidas passadas, transformadas ao longo de trajetórias de trabalho.

As relações passadas permeiam as narrativas, revelando muito, segundo Brandão (1998, p.75), da insuprimível e constante recorrência de instantes nunca virgens, seja pela vida vivida ou por vir, pois o que nos chega traz aquilo que o homem socialmente já construiu, porém não menos prenhe de futuro e, conseqüentemente, do novo.

Por todas essas considerações, podemos concluir que abandonar as histórias dos homens “ordinários” é perigoso. Alguém deseja incendiar as lembranças em função de poder escrever o passado homogêneo e vazio das vidas humanas. (Re)Escrever as histórias dos homens produtores seria algo semelhante a interpretar marcas do passado, transformando-as em códigos decifráveis a partir do presente. Benjamin (1994, p.132) chama de *redenção* “a possibilidade presente de realizar o que nos foi negado”.

Assim, encontramos hábitos, traços, saberes e fazeres nas narrativas trazidas por meio de imagens, sentimentos e sentidos. Esses elementos escrevem, nas memórias dos narradores, suas histórias e de seus contemporâneos, por meio deles, reatualizam e recriam histórias das relações vividas com antigos trabalhadores. Há, a nosso ver, a construção de um quadro social da memória de trabalhadores, composto, sobretudo, por relações específicas, perpassadas por agenciamentos e instituições dos quais homens e mulheres participaram.

Sabemos então que os “quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamentos e de experiências onde reencontramos nosso passado” (HALBWACHS, 2004, p.71), são instituídos pelas relações entre os homens, produzindo códigos específicos, oriundos de suas experiências compartilhadas, significadas socialmente. O trabalho é um desses quadros sociais dos quais nenhum homem escapa.

E mesmo que tal como afirma Bosi (2003, p.20), em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, a fonte oral mais sugere que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa, vale a pena auscultar histórias de um trabalho passado presente.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p. (Obras escolhidas, 1).
- \_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 1167p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. 219p.
- BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**: Essai sur la relation du corps à l'esprit. 7.ed. Paris: Quadrige-PUF, 1959. 280p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória - Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul: UNIUBE, 1998.
- CUNHA, Charles Moreira. **Memórias de Professores**: convocações do presente. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CUNHA, Daisy Moreira (Org.). **Trabalho**: minas de saberes e valores. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, 2007. 279p.
- DURAFFOURG, Jacques. On ne connaît que les choses qu'on apprivoise. In: SCHWARTZ, Yves (Org.). **Reconnaisances du Travail**: pour une approche ergologique. Paris: PUF, 1997.
- GUÉRIN, François. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: USP/Escola Politécnica/Depto. de Engenharia de Produção/Fundação Vanzolini/Edgard Blücher, 2001. xviii, 200p.
- HALBWACHS, Maurice. **L'expression des émotions et la société**. Paris: Centro de Estudos Sociológicos, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Les Cadres Sociaux de la Memoire**. Paris: Éditions Albin Michel, 1994. 367p.
- \_\_\_\_\_. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. 197p.
- JEDLOWSKI, Paolo. **La Memoria Collettiva**. Milano: Edizioni UNICOPLI, 1987.
- \_\_\_\_\_. Memórias: Temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, Campinas, SP, v.14, n.1, p.217-234, jan.-abr. 2003.
- LE VEN, Michel Marie. **Dazinho**: um cristão nas Minas. Belo Horizonte: CDI, 1998. 239p.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007. 308p.

Data da submissão: 28/08/2013  
Data da aprovação: 08/12/2013